

QUANDO O VERME DESEJA WHEN THE WORM HAS A LONGING

ELKE PEREIRA COELHO SANTANA¹

Resumo

O presente relato artístico aborda a série *Quando criança o verme sonhava em ser...*, produzida pela artista Elke Coelho entre os anos de 2012-13. Os trabalhos em questão geram aproximações entre duas coleções, uma composta por objetos e outra por palavras. A relação entre a instância objetual e a linguística é estabelecida por meio de analogias for-mais, sensórias e/ou metafóricas no campo da Arte Contemporânea.

Palavras-chave: Objeto. Coleção. Analogia. Arte contemporânea.

Abstract

This artistic report focuses on the series *As a child, the worm dreamed of being...*, created by the artist Elke Coelho in 2012 and 2013. The work in question promotes the convergence between two collections, one composed by objects and another by words. The relation between the realms of objects and language is established through structural, sensorial and/or metaphorical analogies in the field of Contemporary Art.

Keywords: Object. Collection. Analogy. Contemporary art.

ISSN: 2175-2346

Quando criança o verme sonhava em ser... é um série de trabalhos que surge vinculada a duas situações: ao convite do *Corpo Editorial*¹ para participar de um projeto intitulado *o desejo do verme*; e a duas coleções que constituem há pelo menos uma década, a primeira refere-se a um conjunto de pequenos objetos de uso cotidiano e a segunda diz respeito a listas de *palavras*. A coleção de objetos – assim como a de *palavras* – não se caracteriza por categorias de cores, formatos, origens, valores ou técnicas de produção, mas o que reúne esses objetos em um mesmo contexto, e os torna uma coleção, é a capacidade que eles possuem de me afetar com seus dados sensoriais, expressos por suas qualidades materiais. Por exemplo: tenho objetos industrializados, como palito de fósforo, cotonete, anil, botão, agulha, e naturais, como concha, flor, folha, pedra, casulo. Há os rígidos – parafuso, puxador, lâmina, recipiente de acrílico – e os maleáveis – tecido, feltro, espuma e algodão. Os ásperos – lixa, esponja, areia – e os lisos – peça de bijuteria, recipiente de vidro, prego. Os opacos – objeto em cerâmica, rolha, placa de isopor – e os transparentes – tubo de ensaio, lâmina para microscopia, *voile*. Os incisivos – lâmina de barbear, lâmina de bisturi, agulha, anzol – e os obtusos – comprimido, sagu, bola de gude.

Embora os exemplos anteriores tenham apresentado os materiais por meio de relações opositivas, a paixão objetual manifesta reside mesmo na potência que as ambivalências desencadeiam, na capacidade que o material possui de ser múltiplo, metafórico, metonímico; de abrir gradações nas oposições binárias e, assim, criar espaços outros de significação, sentidos ainda inauditos; o que acentua a heterogeneidade da coleção.



Fig. 1 - *Dinamite* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13.
Palito de fósforo, grade plástica, palavra datilografada, papel e prego. 12,5 x 12,5 cm.

¹ *Corpo Editorial* é uma editora de catálogos e da *Revista Bolor*, produtora/diretora de filme e curadora de exposições. Tem como participantes constantes Aline Dias, Diego Rayck, Ana Lucia Vilela e Julia Amaral.



Fig. 2 - *Plumas* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13. Lâmina de bisturi, palavra datilografada, papel e prego. 13,5 x 16,5 cm.

A curadoria do projeto o desejo do verme pretendia extrapolar a condição biológica fatídica do *verme* dotando-o da capacidade poética de *desejar* (devir, vir a ser, latência). E a série em questão, em diálogo com esse pressuposto, pretende constituir estratégias a fim de libertar o objeto banal, tomado como corpo verminal, de seu significado cultural estratificado e, conseqüentemente, expandir os contornos que usualmente o limitam a funcionalidades estreitas.

Luis Peres-Oramas, curador da 30ª Bienal de São Paulo, denominada *A Iminência das Poéticas*, ao tratar da produção dos artistas convidados – que articulavam ocorrências cotidianas e coleções de várias naturezas com procedimentos obsessivos – aponta: “o fato de que duas coisas, dois seres, dois sons, duas imagens, duas palavras, dois silêncios, duas obras se assemelhem, também quer dizer que se distinguem, se diferenciam” (2012, p. 37). Isso que Oramas invoca – *a possibilidade de perceber diferenças dentro das semelhanças e semelhanças dentro das diferenças* – é exatamente o balizamento que me orientou nos arranjos entre materiais e palavras. Assim, a lógica primeira de articulação no seio das coleções foi estabelecer analogias entre os elementos sensoriais: um proveniente de um signo linguístico e o outro oriundo de objetos.

Sendo a analogia, como coloca Paul Valéry, a “faculdade de variar as imagens, combiná-las, fazer coexistir a parte de uma com a parte da outra e perceber, voluntariamente ou não, a ligação de suas estruturas” (2007, p. 135); em *Quando criança o verme sonhava em ser...*, foi a relação entre pares de semelhança, num sentido, e de diferença, noutra, o fator que justificou suas confluências: *dinamite* | palito de fósforo (Fig. 1), *plumas* | lâminas de bisturi (Fig. 2), *epiderme* | esponja-facial (Fig. 3), *neblina* | algodão (Fig. 4).



Fig. 3 - *Epiderme* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13.
Espanja facial, palavra datilografada, papel e prego. 13 x 13 cm.



Fig. 4 - *Neblina* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13.
Algodão, acrílico, palavra datilografada, papel e prego. 13,5 x 13,5 cm.

O dado instigante nas analogias reside tanto na possibilidade de identificar semelhanças entre duas ocorrências de naturezas distintas, quanto na potência de afirmar as diferenças, as oposições, os atritos e as divergências entre aquelas mesmas coisas que se assemelhavam. Na Fig. 2, por exemplo, em que cinco lâminas de bisturi são nomeadas como *plumas*, a similaridade formal entre lâminas e *plumas*, expressa no formato e leveza, é contraposta pelo caráter frio e cortante dos objetos. Na Fig. 5, a circularidade e cor dourada da peça de furadeira, que possui estreitas similaridades com a palavra que a nomeia, *roda-gigante*, caso exercesse seu movimento usual, poderia decepar a mão de uma pessoa.

A partir das analogias criadas, busco, por meio do manejo constante dos materiais colecionados, transferir as qualidades materiais dos objetos para as palavras e vice-versa, estabelecendo uma espécie de contaminação mútua e contínua, como na Fig. 06, em que a lâmina de barbear modifica, pela sua qualidade, o senso comum da palavra *limbo*, dotando-a de uma propriedade cortante, ao mesmo tempo em que *limbo* dá à lâmina uma conotação espacial de borda, margem. Ou ainda, na Fig. 7, em que a fileira horizontal de pontas de cotonetes sugere certa qualidade de ordenação, maciez-rígida e assepsia para a *linha do horizonte*; e, por sua vez, o conceito de *horizonte* instaura nos cotonetes a ideia de um limite passível de deslocamento.

Em outra peça, a palavra *confete* nomeia o invólucro com pequenos pregos dourados, conferindo a eles o sentido de ornamento ou festa (Fig. 8). Assim também, a palavra *cicatriz* significa uma caixinha ornamentada (Fig. 9). Em síntese, a palavra, na forma como a apresento – com a aparência de placa identificatória – torna possível tanto a superação da contradição quanto a afirmação dos antagonismos, num mesmo espaço de discussão.



Fig. 5 - *Roda-gigante* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13.

Metal, madeira, palavra datilografada, papel e prego. 12,5 x 12,5 cm.



Fig. 6 - *Limbo* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13.
Lâmina de barbear, palavra datilografada, papel e prego. 12,5 x 12,5 cm.

A justaposição, a costura e o encaixe são os procedimentos com os quais as peças são montadas. Como no mais comum das coisas, os objetos se encaixam; por exemplo, sobre uma cômoda, pode haver um frasco de perfume, este, por sua vez, possui uma tampa que se encaixa no fundo do pote de creme; o cabo da escova pode servir de tampa para o pote de shampoo; a esfera de algodão, utilizada para retirar maquiagem, cabe de maneira exata no fundo do porta-joias de porcelana; e doze cotonetes juntos preenchem a tampa do batom. O artista Guto Lacaz utilizou o termo *coincidências* industriais² para falar disso. O princípio do encaixe, em que um material se compõe com outro, rege, em grande medida, o processo com o qual crio os objetos desta série. Sem o auxílio de cola, as materialidades se expressam com mais potência, já que não haverá a presença de outra substância interferindo, diretamente, em seu brilho, textura, leveza e mobilidade.



Fig. 7 - *Linha do horizonte* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13.
Cotonete, madeira, palavra datilografada, papel e prego. 9,5 x 17,5 cm.

² Série de trabalhos, em constante desenvolvimento, em que o artista fotografa dois objetos cotidianos, pertencentes a contextos distintos, encaixados. In: <http://www.gutolacaz.com.br/artes/objetos.html>. Acesso em 07 de abril de 2014.



Fig. 08 - *Confete* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho. 2012-13.
Renda, espuma, palavra datilografada, papel e prego. 16,5 x 14 cm.

Como estratégia para constituir um campo sensório que relacione as qualidades materiais dos elementos com a linguagem expressa em *palavras*, em alguns arranjos, me utilizo de um único exemplar do material e, por vezes, em outros, necessito de várias unidades do mesmo objeto. Embora o procedimento seja o mesmo – utilizar um ou vários elementos similares – os objetivos a serem atingidos são distintos. Em *canteiro* (Fig. 10), por exemplo, pretendia, com a utilização de cerca de 60 flocos de lã branca conformados em retângulos de plásticos, formar um campo material que, por suas qualidades, gerasse semelhança formal com algo nomeado da realidade; de forma similar, as peças de bijuteria, suspensas por alfinetes, mimetizam as gotas de *chuva* (Fig. 11), assim como as pontas de cotonetes, concentradas no interior de uma estrutura circular, lembram o miolo de uma *flor* (Fig. 12). Além da similaridade formal, as pequenas acumulações possibilitam expandir a potência do objeto para criar um campo metafórico com a palavra, como os palitos de fósforo que, em quantidade, alargam a propriedade inflamável e constituem uma pequena *dinamite* (Fig. 1); ou ainda, ao posicionar os objetos de forma equidistante, criar sequência e ritmo a fim de dialogar com o caráter plural do dado linguístico, como as cinco lâminas de bisturi que são nomeadas de *plumas* (Fig. 2).

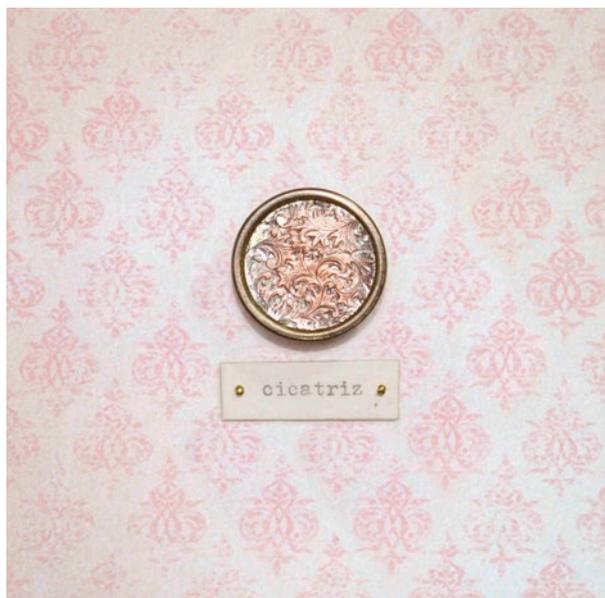


Fig. 9 - *Cicatriz* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13.
Recipiente de metal, palavra datilografada, papel e prego. 12,5 x 12,5 cm.



Fig. 10 - *Canteiro* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13.
Lã, plástico, palavra datilografada, papel e prego. 13 x 13 cm.



Fig. 11 - *Chuva* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13.
Peça de bijuteria, alfinete, palavra datilografada, papel e prego. 13 x 12,5 cm.



Fig. 12 - *Flor* (Série *Quando criança o verme sonhava em ser...*), Elke Coelho, 2012-13.
Madeira, cotonete, palavra datilografada, papel e prego. 12 x 12 cm.

Para constituir os 59 arranjos que compõem esta série, foram utilizados cerca de 2.150 objetos, 59 palavras e uma quantidade de tempo imensurável, devido à impossibilidade de medir o intervalo entre as produções materiais propriamente ditas, o tempo de recolhimento dos elementos composicionais e o tempo de maturação das ideias.

Referências bibliográficas

PAUL, Edgar Allan. *Filosofia da composição*. In: *Poemas e ensaios*. São Paulo: Globo, 2009. p. 113-128.

PÉREZ-ORAMAS, Luis et all. *Catálogo da 30a Bienal de São Paulo: a iminência das poéticas*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2012.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 2007.